

**O trabalho em livros didáticos da EJA:
uma análise discursiva**

Élida Karla Alves de Brito¹
Francisco Vieira da Silva²

Resumo: Este estudo analisa a produção de discursos sobre o trabalho em dois livros didáticos de Prática de Leitura e Escrita da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O interesse principal é investigar como esses discursos tratam dos dilemas, das tensões e dos desafios do mundo do trabalho contemporâneo no contexto dessa modalidade da educação básica. O corpus constitui-se de enunciados extraídos de dois livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) EJA 2026-2029. A metodologia segue um viés descritivo-interpretativo de base qualitativa. A partir das análises, foi possível constatar que os livros didáticos adotam posicionamentos críticos acerca do trabalho contemporâneo, especialmente no que se refere à precarização de atividades laborais realizadas a partir de plataformas digitais.

Palavras-chave: Discurso; Trabalho; Livro Didático; EJA; Leitura.

**Work in Youth and Adult Education textbooks:
a discursive analysis**

Abstract: This study analyzes the production of discourses about work in two didactic collections on Reading and Writing Practice for Youth and Adult Education. The main interest is to investigate how these discourses deal with the dilemmas, tensions, and challenges of the contemporary world of work in the context of this type of basic education. The corpus consists of statements taken from two textbooks approved by the National Textbook and Teaching Material Program - Youth and Adult Education 2026-2029. The methodology follows a descriptive-interpretative, qualitative approach. From the analysis, it was possible to see that the textbooks adopt critical positions on contemporary work, especially about the precariousness of work activities carried out using digital platforms.

Keywords: Discourse. Work. Didactic Collections. Youth and Adult Education. Reading.

**El trabajo en los libros de texto de la EJA:
una análisis discursivo**

Resumen: Este estudio analiza la producción de discursos sobre el trabajo en dos libros didácticos de Práctica de Lectura y Escritura de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). El interés principal es investigar cómo estos discursos abordan los dilemas, las tensiones y los retos del mundo laboral contemporáneo en el contexto de esta modalidad de educación básica. El corpus está compuesto por enunciados extraídos de dos libros didácticos aprobados por el Programa Nacional de Libros y Material Didáctico (PNLD) EJA 2026-2029. La metodología sigue un enfoque descriptivo-interpretativo de base cualitativa. A partir de los análisis, se pudo constatar que los libros de texto adoptan posiciones críticas sobre el trabajo contemporáneo, especialmente en lo que se refiere a la precariedad de las actividades laborales realizadas a partir de plataformas digitales.

Palabras-clave: Discurso; Trabajo; Libro de texto; EJA; Lectura.

¹ Mestra em Ensino pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Doutoranda em Ensino pela mesma instituição. Docente de Filosofia da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1797-2792>, e-mail: elida.brito17@hotmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA e do Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>, e-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), constitui uma etapa da educação básica destinada para os que não tiveram a possibilidade de acesso ou de continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na chamada idade própria, configurando-se como um instrumento de educação e de aprendizagem ao longo da vida (Brasil, 1996). Tendo em vista que, por diferentes razões, muitas pessoas são levadas a interromper os seus estudos, tendo o direito à educação negado, essa modalidade da educação básica representa um importante passo na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e cidadã.

Dentre os principais fatores que levam ao abandono dos bancos escolares, por parte de sujeitos pertencentes às classes sociais mais baixas, encontra-se a necessidade de trabalhar e de contribuir com a renda da família. Desse modo, conciliar a rotina de estudos com as atividades laborais acaba sendo um desafio para esses sujeitos em idade escolar, os quais acabam tendo percursos estudantis acidentados e inconclusos (Di Pierro, 2017). Ademais, é por conta do trabalho e do acesso e/ou da qualificação das atividades profissionais, que muitos buscam retomar os estudos. Assim, o trabalho parece ser a mola propulsora a interligar os diversos anseios, sonhos e desejos de jovens, adultos e idosos que voltam a frequentar o espaço escolar.

Para Godinho e Fischer (2019), o trabalho pode ser compreendido como um importante elo entre os sujeitos da EJA, em suas diferentes experiências de vida, de trajetórias formativas, de identidades culturais, étnico-raciais, de gênero e geracionais. Dessa forma, “[...] a presença do trabalho desde a tenra idade – e, em muitos casos, como o interruptor dos estudos escolares – é muitas vezes um elo entre homens e mulheres na sala de aula” (Godinho; Fischer, 2019, p. 341). Tendo isso em vista, objetivamos analisar a produção de discursos acerca do trabalho em livros didáticos de Práticas de Leitura e Escrita, correspondentes ao 2º segmento – etapas 7 e 8 dos Anos Finais do Ensino Fundamental da EJA.

Buscamos, por meio da análise, investigar como esses materiais didáticos tratam dos dilemas, das tensões e dos desafios do mundo do trabalho na contemporaneidade, marcados,

sobretudo, pelo capitalismo neoliberal cujos efeitos já podem ser evidenciados em termos de flexibilização das leis trabalhistas, de enfraquecimento das lutas coletivas em defesa dos trabalhadores, de autogestão e de empresariamento de si mesmo, de informalidade, de uberização, dentre outras consequências. Como lembra Antunes (2020), essas tendências em curso são fruto de corporações globais que se utilizam de sofisticadas tecnologias de comunicação e informação a funcionarem como dispositivos de vigilância, controle e gestão do tempo do sujeito trabalhador nesse processo de expansão desmedida do trabalho digital.

Ainda que seja patente a relevância da EJA para a sociedade brasileira, importante destacar que essa modalidade da educação básica, ao longo do tempo, não tem ganhado o devido protagonismo no cerne das políticas públicas. Como enfatiza Catelli Jr (2024), alguns gestores públicos e do campo da educação chegam a admitir que a EJA não é mais importante na atualidade, pelo fato de todas as crianças estarem na escola. Para o autor, apesar dos esforços para universalizar o atendimento às crianças nas séries iniciais a partir dos anos de 1990, ainda persiste um número elevado de brasileiros que não concluíram a educação básica e, no entanto, as matrículas na EJA têm decaído de maneira sistemática. Isso ocorre, porque segundo Catelli Jr (2024), faltam políticas de acesso e permanência à escola, políticas de saúde, espaço para deixar os filhos, inadequações do currículo escolar, ausência de materiais didáticos específicos para essa modalidade, silenciamento da EJA em documentos centrais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentre outros fatores.

Além disso, conforme argumenta Catelli Jr (2024), pesa sobre o público da EJA o estigma do fracasso escolar e a culpabilização por não ter estudado na chamada “idade própria”, levando a crer que se trata de um problema estritamente individual. Contudo, não é uma questão individual, senão “[...] de um sistema social e excluente que não cria condições para que os estratos mais pobres da população possam superar a pobreza por meio da educação” (Catelli Jr, 2024, p. 15).

Entre os diversos desafios da EJA, podemos situar a questão dos materiais didáticos, foco deste estudo. Diferentemente das outras etapas da educação básica, o programa de seleção e de distribuição de livros didáticos para a EJA não segue uma continuidade, pois, de acordo com Mello (2019), uma análise das políticas públicas para a produção destinada à

EJA, nas últimas décadas, denota tensões e descontinuidades, haja vista a atuação do Estado, dos segmentos da sociedade civil e de agentes da indústria cultural na construção de propostas díspares para a referida modalidade, a saber: as que insistem na certificação e na promoção aligeirada para a conclusão de estudos e as que se ancoram numa visão mais integral de formação, marcadamente alicerçada nas experiências da educação popular.

Dessa forma, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) relativo ao período 2026-2029 constitui uma retomada de uma política que, numa sequência histórica, esteve interrompida por mais de dez anos. De acordo com o Guia Digital do PNLD EJA, os livros aprovados foram elaborados considerando “[...] as especificidades dessa modalidade, como o perfil heterogêneo dos estudantes, as necessidades de aprendizagem contextualizada e o respeito às trajetórias de vida dos educandos” (Brasil, 2025, p. 14). Ainda conforme esse documento: “Os materiais, disponibilizados em diversos formatos, promovem a inclusão e o acesso a conteúdos alinhados às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Brasil, 2025, p. 14).

De acordo com esse documento citado pelo Guia Digital do PNLD EJA, a relação da EJA com o mundo do trabalho corresponde não somente à busca dos alunos por certificação, com vistas a ingressar no mercado de trabalho ou conquistar uma vaga mais disputada, mas também aos anseios por conhecimentos escolares, em outras palavras, “[...] o desejo de saber, cuja qualidade crítica pode ser maior ou menor em razão das experiências da pessoa e do tipo de programa em que ela vier a se inserir” (Brasil, 2002, p. 93).

Partindo dessas reflexões, consideramos o pressuposto de que os livros didáticos analisados, nas diversas atividades apresentadas, tendem a refletir sobre o trabalho contemporâneo de modo crítico e, com isso, engendrar condições para que os discentes da EJA possam se posicionar de maneira ativa e participativa nas demandas atuais concernentes ao mundo do trabalho. Nisso reside a importância do presente estudo, pois lança um olhar investigativo sobre materiais didáticos que serão utilizados nas escolas públicas de todo o país.

2 METODOLOGIA

Este trabalho, quanto à natureza da pesquisa, situa-se no âmbito de uma pesquisa básica, pois não aplica o conhecimento para solucionar um problema, mas, sim, expande o conhecimento sobre o tema (Paiva, 2019). No que se refere à abordagem, o estudo se filia a uma perspectiva qualitativa, porque as análises partem da natureza do fenômeno observado, sem recorrer a dados quantitativos, experimentos e/ou variáveis a serem manipuladas. Já no tocante ao objetivo, trata-se de uma pesquisa descritiva, já que o propósito consiste analisar a produção de discursos sobre o trabalho nos livros didáticos selecionados para o estudo.

Consideramos, na esteira de Paiva (2024), que os livros didáticos são documentos secundários, pois existem independentemente de um dado projeto de pesquisa. Para a autora, documentos são registros da vida cotidiana, públicos ou privados, produzidos em diferentes modos e mídias. Os livros didáticos, a nosso ver, podem ser compreendidos como documentos que deixam entrever certas representações acerca da escola, do ensino e da aprendizagem do período histórico em que são produzidos, delineando, assim, discursos, políticas educacionais e práticas sociais.

O corpus de estudo é formado por enunciados extraídos de duas coleções didáticas de Práticas em Leitura e Escrita aprovadas pelo PNLD 2026-2029, a saber: a) Vem pra EJA! Educação de Jovens e Adultos – 2º Segmento – Etapas 7 e 8 dos Anos Finais do Ensino Fundamental, de autoria de Louise Conceição Pereira Tanajura e Milena Ramos Aires Carvalho, publicada pela editora Casa de Letras; b) Nova EJA Moderna – Práticas de Leitura e Escrita 2º Segmento – Etapas 7 e 8 dos Anos Finais do Ensino Fundamental, editada por Marina Sandron Lupinetti, publicada pela editora Moderna.

O critério de seleção dessas coleções dentre as três a que tivemos acesso, na área do conhecimento Práticas de Leitura e Escrita, deveu-se ao fato de apresentarem pelo menos uma unidade temática acerca do trabalho, objeto deste estudo. Embora as reflexões sobre o trabalho também estejam presentes na outra coleção didática, não se verifica a organização de um capítulo, de um módulo ou de unidade didática que contemple, de modo mais específico, essa temática. Trata-se, antes, de apontamentos que perpassam os diversos capítulos da obra, servindo de suporte para o trabalho com a análise linguística.

Os procedimentos de análise empregados incluíram a leitura atenta do material, a seleção de enunciados e o recorte desses enunciados em séries, por meio da identificação de regularidades, tendo como prisma investigativo os conceitos de Michel Foucault. Segundo esse pensador, o discurso, apesar de se manifestar por meio de signos, vai além dessa dimensão e perpassa a história, as relações de saber-poder, a política e os processos de subjetivação. Nesse sentido, a análise enunciativa deve procurar extrapolar os limites linguísticos e levar em conta as condições a partir das quais o discurso irrompe como um acontecimento singular, em um domínio específico, como uma prática, num tempo e num espaço específicos. De acordo com Foucault (2008, p. 31), “[...] deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro iria ocupar”.

Segundo Stafuzza e Gois (2023), ao refletir o discurso como uma prática, Foucault estabelece um campo de exterioridade no qual se desenvolve uma rede de lugares diversos que se modificam a depender do sujeito que enuncia. Isso é possível porque Foucault (2008) entende o discurso a partir de um conjunto de unidades menores, os enunciados, compreendidos como uma função a perpassar diferentes unidades distintivas. Segundo Foucault (2008), o enunciado apresenta as seguintes características: referencial, posição de sujeito, domínio associado e materialidade repetível.

O referencial não diz respeito a fatos, seres ou coisas, mas, sim, a leis de possibilidade, a regras de existência e a um espaço de diferenciação que possibilita ao enunciado ser nomeado, descrito ou designado (Foucault, 2008). A posição de sujeito não coincide com a pessoa gramatical, com o sujeito empírico e nem com a instância autoral, senão com uma posição que é assumida no enunciado, ou seja, “[...] é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado” (Foucault, 2008, p. 105).

O domínio associado concerne às relações que o enunciado estabelece com outros enunciados, sejam eles já produzidos noutros momentos, sejam outros que ainda serão formulados. De acordo com Foucault (2008), nenhum enunciado é livre, neutro ou

independente, pois tem suas margens povoadas por outros enunciados, “desempenhado um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele sempre se integra a um jogo enunciativo, onde tem a sua participação, por mais ínfima que seja” (Foucault, 2008, p. 112). A materialidade repetível consiste nas diferentes formas de concretização do enunciado, quer dizer, é necessária a existência de uma espessura material, de um suporte, de uma data, de um lugar que permitam a emergência e o reconhecimento do enunciado na sua singularidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos livros didáticos de Prática de Leitura e Escrita da EJA, foi possível identificar algumas regularidades enunciativas na construção de discursos sobre o trabalho. A primeira delas refere-se ao modo como as duas coleções definem o trabalho, conforme podemos depreender dos enunciados abaixo transcritos:

Quando falamos de trabalho, estamos tratando de uma imensa variedade de funções e profissões que mantêm o funcionamento das sociedades. Para algumas categorias de trabalhadores, os direitos são garantidos há mais tempo que outras, bem como há categorias que, embora muito antigas, ainda não são reconhecidas como trabalho e outras que, por serem muito novas, ainda não estão previstas ou regulamentadas (Lupinetti, 2024, p. 161).

Comumente, a ideia de trabalho está associada à realização de atividades produtivas ou criativas, isto é, tudo, aquilo que o ser humano consegue desenvolver por meio de suas habilidades e seus conhecimentos individuais como um objetivo de alcançar um determinado propósito (Tanjura; Carvalho, 2024, p. 113).

Os dois enunciados foram recortados da introdução da unidade relativa à discussão sobre o trabalho presentes nos dois materiais didáticos. O primeiro, recortado da coleção Nova EJA Moderna, define o trabalho, tendo como ancoragem uma discussão sobre os direitos trabalhistas e as regulamentações previstas no decorrer do tempo. O segundo, retirado da coleção Vem pra EJA!, fornece uma definição um pouco mais ampla acerca do trabalho, ao considerar o modo como o sujeito trabalhador se situa em relação às suas atividades laborais, do ponto de vista do desenvolvimento de habilidades e conhecimentos.

Além do mais, diferentemente do primeiro enunciado, neste se considera a existência do trabalho criativo, o que expande, portanto, os sentidos do trabalho.

A partir de Foucault (2008), entendemos que o trabalho, nesses livros didáticos, é construído como um objeto de discurso por meio de sistemas de diferenciação. Por isso, a definição de trabalho não é a mesma nas duas coleções, pois coaduna determinados saberes que estabelecem diferenciações. Disso resulta, portanto, o trabalho e a relação com as regulamentações das profissões e o trabalho conectado a uma definição mais abrangente que consegue abranger as atividades criativas, por exemplo.

Em seguida, as duas coleções didáticas trazem algumas questões que buscam suscitar reflexões junto aos alunos da EJA a respeito da relação destes com o trabalho. Na coleção Nova EJA Moderna, tem-se, por exemplo, enunciados como: “Você já parou para pensar sobre suas condições de trabalho? Quais foram as oportunidades que você teve desde que começou a trabalhar? Você pode escolher sua profissão? Na função que exerce, você se sente valorizado como qualquer outro trabalhador?” (Lupinetti, 2024, p. 161). Esses questionamentos podem levar o discente da EJA a ponderar acerca das suas condições de trabalho, dos itinerários percorridos no mundo do trabalho, da possibilidade de escolha da profissão e da autopercepção a respeito da valorização profissional. Com isso, o livro didático assume um determinado posicionamento discursivo: de que o sujeito da EJA é agente da cultura, da história e da política, na medida em que mobiliza e reflete sobre os saberes produzidos a partir das experiências com que se envolve ao longo da vida (Godinho; Fischer, 2019).

Podemos frisar ainda que essas questões podem render debates apropriados às demandas dos sujeitos da EJA, pois a escolaridade inconclusa tende a ser um empecilho no processo de imersão no mundo do trabalho, na ausência de profissional e no sentimento de desvalorização e/ou desprestígio social da atividade laboral exercida por esses alunos, quando levados a se comparar com outros trabalhadores, especialmente quando estes têm algum tipo de certificação que os possibilitam avançar na carreira, obtendo, com isso, melhores remunerações.

A coleção didática *Vem pra EJA!*, de forma semelhante, desenvolve questionamentos importantes, a saber: “1. Você tem trabalho ou emprego? Fale sobre ele. 2. Como você adquiriu os conhecimentos relacionados a sua profissão? 3. Qual o seu vínculo de trabalho? Formal, informal, autônomo? 4. Você gosta do trabalho que exerce? Acha que ele é valorizado pela sociedade?” (Tanajura; Carvalho, 2024, p. 113). De modo distinto da coleção anterior, neste livro didático, parte-se da possibilidade de o aluno da EJA não trabalhar, o que parece ser mais adequado à diversidade do público dessa modalidade educacional. Em caso afirmativo, o aluno é, então, inquirido a descrever o vínculo do trabalho exercido e a relação afetiva com a atividade laboral desempenhada, tendo em conta a avaliação social que é feita do seu trabalho.

Em suma, os enunciados das duas coleções didáticas partem de já ditos, de enunciados produzidos anteriormente acerca da relação entre os discentes da EJA e o mundo do trabalho. Conforme já foi mencionado, trata-se de uma parcela da população brasileira que, ao ser privada do direito à educação, tem outros direitos negligenciados (Cabral; Loeblein; Santos, 2025), o que incluem o direito ao trabalho digno. Assim, as condições de trabalho degradantes podem estar ligadas a variados graus de informalidade e desamparo, à má remuneração, à precarização, à falta de segurança, dentre outras insalubridades. Como consequência, esses sujeitos são levados a executar atividades e funções socialmente desprestigiadas e, com isso, tendem a não nutrir uma percepção positiva sobre as suas atividades laborais.

Para Stafizza e Gois (2023), o discurso consiste no funcionamento da língua em um dado momento sócio-histórico e, sob essa via, a produção do discurso nos livros didáticos em análise conversa com a emergência de outros dizeres acerca do sujeito da EJA, sobretudo quando pensamos num conjunto de saberes da educação popular. De acordo com Godinho e Fischer (2019), um dos principais legados da educação popular diz respeito à concepção do sujeito da EJA, não mais visto pelo viés da falta ou do preconceito, alvo de políticas educacionais assistencialistas, mas, sim, como protagonistas de aprendizagens e de saberes que são considerados quando da elaboração dos currículos para essa modalidade da educação básica. O discente, então, ocupa um lugar central no processo de ensino e de aprendizagem

e tem suas experiências de vida e os saberes que trazem consigo legitimados na construção do conhecimento escolar. Nas palavras de Ferreira e Pereira (2024, p. 10), “[...] desconstruindo-se, assim, uma crença imbricada na história da EJA de que esses sujeitos são incapazes de aprender e de superar a ingenuidade e o senso comum”.

Ao discutir sobre o trabalho contemporâneo, a coleção didática Vem pra EJA indaga se o aluno conhece o termo “precarização do trabalho”. Ao proceder dessa forma, a posição de sujeito assumida pelo livro didático busca levar em conta os saberes prévios do discente da EJA. Em seguida, o termo é definido do seguinte modo: “É um fenômeno que se refere a qualquer situação em que não haja condições adequadas de trabalho e os direitos do trabalhador estejam em risco ou não sejam efetivados” (Tanajura; Carvalho, 2024, p. 116). Posteriormente, exemplifica-se: “[...] quando uma pessoa que entrega comida por aplicativo desloca-se de moto ou bicicleta sem a garantia de que, caso se envolva em um acidente, estará resguardada financeiramente enquanto estiver afastada do trabalho” (Tanajura; Carvalho, 2024, p. 116). Apesar da precarização do trabalho ser um fenômeno mais amplo, o exemplo fornecido pelo livro didático para ilustrar essa problemática revela um posicionamento de crítica à situação de muitos trabalhadores que atuam por meio de plataformas digitais.

Para Filgueiras e Antunes (2020), essas tecnologias de comunicação e informação mobilizam estratégias sofisticadas de controle e de submissão dos trabalhadores, sob o pretexto de que se trata de colaboradores e/ou parceiros, os quais não têm direitos protetivos garantidos, já que são compreendidos como empreendedores, numa relação que é cada vez mais individualizada. Alega-se, ainda, que são formas mais atrativas de trabalho, porque o sujeito não precisa cumprir um horário específico e nem obedecer a uma chefia imediata. No entanto, esses trabalhadores acabam sendo expostos a jornadas de trabalho extensas e a condições adversas. Em síntese, de acordo com Antunes (2020), em pleno século XXI, assistimos ao retorno de formas de trabalho que foram demandadas nos primórdios do capitalismo, quando não vigoravam quaisquer direitos e garantias trabalhistas.

Nesse sentido, podemos situar o discurso do livro didático como um exercício de denúncia desse estado de coisas. Além disso, o aluno da EJA é constantemente impelido a pensar acerca da precarização do trabalho e a questão da escolaridade incompleta, em

enunciados como estes: “Você acredita que há uma relação entre áreas de trabalho mais precarizadas e escolaridade? De que maneira o nível de escolaridade pode interferir na submissão de alguém a condições precárias de trabalho?” (Tanjura; Carvalho, 2024, p. 117). Na constituição dessas perguntas, podemos flagrar um posicionamento discursivo segundo o qual o nível de escolaridade constitui um marcador importante para a submissão (ou não) do sujeito trabalhador a condições precárias de trabalho. Diante disso, o aluno é convocado a ser posicionar quanto a essa problemática e, ao fazê-lo, pode efetuar um exercício reflexivo sobre si mesmo, sobre as implicações da escolaridade incompleta na sua atuação no mundo do trabalho.

Na coleção Nova EJA Moderna, a precarização é tratada a partir da exploração de uma reportagem publicada, em 31 de maio de 2023, no site do jornal O Tempo, cujo título é Crescem as evidências de precarização do trabalho de motoristas e entregadores. O texto compila alguns dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os quais relevam que somente 23% dos profissionais – relativos a motoristas e entregadores – contribuem com a Previdência Social. Em torno desse dado, algumas perguntas de compreensão textual vão assim se manifestar: “1. Segundo o texto, qual é o principal problema relacionado ao futuro das pessoas que trabalham como motoristas e entregadores” (Lupinetti, 2024, p. 167).

Espera-se que os alunos da EJA possam fazer a interpretação textual e identificar que o principal problema tratado na reportagem diz respeito à ausência da contribuição junto ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e, com isso, uma série de implicações são geradas, como a dificuldade de computar o tempo de serviço para a aposentadoria e a falta de proteção em caso de acidentes e/ou problemas que incapacitem o sujeito de exercer a atividade profissional. Assim, a resposta prevista pelo livro didático consiste em um exercício de leitura e interpretação que leva em conta uma das características do fenômeno da precarização do trabalho na atualidade.

Em seguida, a coleção didática indaga: “2. Caso ainda não tenha se aposentado, você se preocupa com a sua aposentadoria? Em caso afirmativo, como você tem se programado para essa fase da vida?” (Lupinetti, 2024, p. 167). Ao sondar o discente quanto à questão da

aposentadoria, o livro busca criar uma relação de aproximação com a temática discutida e levar o aluno a refletir acerca das condições em que se encontra e como essa questão o afeta. No contexto de precarização do trabalho e de reformas previdenciárias pautadas pela racionalidade neoliberal, é imperioso debater essa problemática nos espaços formais de aprendizagem. Nesse sentido, o discurso do livro didático analisado encaminha-se nesse direcionamento, pois, a partir da mediação docente, é possível criar um ambiente de discussão e de escuta ativa e sensível na sala de aula da EJA.

O livro didático ainda busca aprofundar a reflexão a respeito da precarização do trabalho, quando destaca o seguinte trecho da reportagem publicada no site do jornal *O Tempo*:

Sentados atrás do volante do carro, pilotando uma moto ou uma bicicleta por dez a 12 horas diárias, enfrentando o caótico de vaivéns de carros, ônibus e pedestres nas grandes cidades. Cada vez mais o Brasil assiste ao crescimento do número de trabalhadores controlados, gerenciados e subordinados a plataformas digitais como forma de ganharem a vida. O contingente partiu de 840 mil em 2016, para 1,7 milhões em 2022, um aumento de 102% (Andrade, 2023, on-line).

Nesse fragmento da reportagem, o leitor depara-se com uma descrição das condições de trabalho degradantes a que se submetem motoristas e entregadores, que incluem horas excessivas de labuta e exposição a barulho e à confusão do trânsito das grandes cidades, podendo gerar prejuízos para a saúde do trabalhador. Fica em relevo também a atuação das plataformas no sentido de vigiar e regular o desempenho das atividades realizadas, o que pode desencadear também a cobrança por produtividade e a autoexploração. Por fim, a reportagem, a partir de dados estatísticos, enfoca o crescimento espantoso do número de brasileiros que atuam nesse tipo de função. As duas perguntas dispostas após esse trecho da reportagem buscam levar o aluno da EJA a compreender a precarização do trabalho por plataformas e a razão pela qual houve um aumento notável no número de pessoas que submetem a tal serviço, como vemos a seguir: “a) O que esse parágrafo revela sobre as condições de trabalho dos motoristas e entregadores?/ b) Em sua opinião, por que houve um aumento tão expressivo de trabalhadores nesse ramo de atividades?” (Lupinetti, 2024, p. 168).

Segundo Cobucci e Machado (2023), a leitura crítica de mundo torna-se um elemento central na prática pedagógica da EJA. Para as autoras, é necessário partir do fato de que se trata de estudantes jovens, adultos ou idosos trabalhadores, em sua grande maioria, que não devem dominar somente as habilidades mais funcionais da leitura e da escrita, mas também desenvolver “[...] uma consciência crítica sobre as estruturas de poder e desigualdades sociais e possam, assim, se engajarem de forma ativa na transformação social” (Cobucci; Machado, 2023, p. 27). O desenvolvimento de atividades como esta que acabamos de apresentar mostra-se apropriado para a construção de cidadãos engajados e participativos (Paz; Ribeiro; 2024), sobretudo no reconhecimento de condições degradantes do trabalho por meio das plataformas digitais, bem como na possibilidade de resistir e se insurgir contra esse tipo de exploração.

Como elucida Foucault (2007), toda relação de poder implica condutas de resistência, de afronte, de revolta. Nas palavras do autor: Elas [as relações de poder] não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a preensão” (Foucault, 2007, p. 91). Sob esse ângulo, a coleção didática Vem pra EJA! adota um posicionamento discursivo de resistência ao efeito de consenso que ressoa de discursos que exaltam a figura do empreendedor e a prática do empreendedorismo. De acordo com Casara (2021), a racionalidade neoliberal engendra a ideia de que o sujeito é o responsável pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso, o que desresponsabiliza o governo e o Estado, vistos, inclusive, como entraves ao jogo da concorrência e ao sucesso meritocrático. Assim, o empreendedor é concebido como um sujeito corajoso, inovador, arrojado e livre, que consegue transformar as dificuldades em oportunidades de crescimento.

Para se contrapor a tais discursos e, portanto, encetar estratégias de resistência, o livro didático assim se posiciona:

Com a chegada e o crescimento das empresas de transporte e de entrega por aplicativo, assim como nas redes sociais como espaço de divulgação de produtos e serviços, muito se tem falado em empreender no sentido de ‘trabalhar para si mesmo’, ‘não ter patrão ou ‘fazer seus próprios horários (Tanajura; Carvalho, 2024, p. 142).

Na materialidade repetível do enunciado, fica em destaque o emprego das aspas para situar discursos que aparecem com recorrência na atualidade e que convocam os sujeitos a se identificarem com a figura do empreendedor, pois este supostamente oferta mais vantagens que um emprego formal, por exemplo. Entretanto, considerando as reflexões já desenvolvidas pelo livro didático acerca da precarização do trabalho por plataformas digitais, era de se esperar que a postura assumida por esse material didático fosse de desconstrução desses consensos. Para tal, algumas questões são postas no material didático, com o intuito de provocar o aluno da EJA a desconfiar desses discursos em torno do empreendedorismo: “Há reais condições para investir e manter um negócio? As oportunidades para a abertura de uma empresa são as mesmas para todo mundo? Em caso de acidentes ou outros imprevistos, o que acontece com a renda dessas pessoas?” (Tanajura; Carvalho, 2024, p. 142). As questões colocam em xeque o funcionamento e o caráter performativo de dizeres por meio dos quais se universaliza o empreendedorismo como a solução para problemas conjunturais, como a elevada desigualdade social no Brasil.

De acordo com o material didático em estudo: “Empreender demanda conhecimento do produto ou do serviço que se pretende oferecer, análise de mercado e da própria realidade do empreendedor e perspectivas futuras do negócio, entre outros fatores” (Tanajura; Carvalho, 2024, p. 146). Isso posto, podemos depreender desse discurso que a atividade empreendedora implica a mobilização de determinados saberes do mundo dos negócios, além das condições materiais do sujeito que pretende empreender, o que entra em contraponto à ideia segundo a qual todos podem tornar-se empreendedores e terem sucesso nesse intento. Conforme Lima e Oliveira (2021), num contexto de desregulamentação das relações de trabalho no país, o discurso empreendedor é demandado como uma forma de justificar a precarização do trabalho que, a cada dia mais, tem-se expandido e ganhado novas significações.

Ainda consoante a coleção didática Vem pra EJA!: “Romantizar, portanto, é ver apenas o lado bom, sem fazer uma análise crítica e sem pesar os prós e os contras. É esse tipo de visão que se tem tido do empreendedorismo no Brasil” (Tanajura; Carvalho, 2024, p. 146). O enunciado discursiviza o que seria a romantização do empreendedorismo, ou seja, o

imaginário segundo o qual todos devem empreender, bastando, para isso, apenas o esforço individual. Levar esse tipo de reflexão para os discentes da EJA, muitos em situação de vulnerabilidade social e alvo da retórica do empresariamento de si, constitui uma prática de resistência, pois permite a emergência de condutas mais questionadoras e atentas às estratégias do sistema neoliberal, cujo principal objetivo consiste em inserir o sujeito numa relação de concorrência com o outro, responsabilizando-o pelas crises geradas pelo próprio sistema.

Além disso, numa atividade da coleção Nova EJA Moderna, uma atividade relativa a uma notícia publicada no jornal O Estado de S. Paulo, pode ser retomada. O objetivo desse texto consistia em tratar do fato de uma recrutadora reagir de forma negativa, ao ser questionada, por um candidato a uma vaga de emprego, sobre o valor do salário. Segundo uma postagem publicada nas redes sociais, a recrutadora, embora destacasse a importância do trabalho, enfocou que o interesse do candidato não deveria ser esse, mas saber outras informações acerca da vaga em si. A notícia traz o contraponto, citando a voz de outros internautas que defendem a necessidade de o candidato ter informação sobre o salário, bem de uma consultora de Recursos Humanos, para quem o conhecimento sobre a remuneração é essencial durante um processo seletivo.

A partir dessa multiplicidade de vozes, ou de posições de sujeito, na acepção foucaultiana, algumas perguntas aparecem no livro didático, tais como: “1. De acordo com o texto, por que a recrutadora ficou incomodada durante o processo seletivo? 2. Você concorda com a atitude da recrutadora? Justifique sua resposta considerando os comentários de algumas pessoas no texto lido” (Lupinetti, 2024, p. 226). Essas perguntas conduzem o discente da EJA a localizar informações explícitas presentes no texto e, a partir delas, construir seu próprio posicionamento acerca da atitude polêmica da recrutadora. De algum modo, o livro didático orienta que o discente, ao tomar como ancoragem os comentários que aparecem no texto, possa se identificar com esses posicionamentos e se contrapor ao discurso da recrutadora, na medida em que, na condição de trabalhadores, ter acesso à informação relativa ao valor salarial torna-se fundamental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito nuclear deste estudo foi de analisar a produção de discursos sobre o trabalho em livros didáticos da EJA aprovados no PNLD 2026-2029 dedicado a essa etapa da educação básica. Partimos do pressuposto de que, uma vez articulados a documentos norteadores a respeito da EJA, os quais consideram o mundo do trabalho como um tema de fundamental importância, esses materiais didáticos problematizariam questões concernentes ao trabalho, enfocando os dilemas, as tensões e os desafios que circundam essa temática na atualidade.

As análises de dois livros didáticos, empreendidas a partir da identificação de regularidades enunciativas, possibilitaram corroborar o nosso entendimento inicial, pois os discursos presentes nesses materiais didáticos, por meio de gêneros discursivos diversos (como reportagem e notícia) concebem o trabalho por lentes críticas, trazendo à baila a exploração de questões caras ao tempo atual, a exemplo da precarização do trabalho por meio das plataformas digitais e do questionamento de consensos criados em torno do empreendedorismo e do sujeito empreendedor.

Os procedimentos operados pelos materiais analisados na seleção de textos e na proposição de questões propulsoras de debates na sala de aula da EJA, de modo a legitimar os conhecimentos prévios e as experiências dos alunos, levam-nos a concluir que os livros didáticos constituem ferramentas de singular relevância na consecução de práticas pedagógicas transformadoras da realidade social. Para Alves e Costa (2021), a escola, como agência formadora, necessita se empenhar na formação de leitores da EJA que ultrapassem os limites da decodificação, tornando-se protagonistas desse processo, aptos a interagirem de modo eficaz por meio da palavra. Nos limites deste estudo, reconhecemos que, no debate acerca do trabalho, os livros didáticos cumprem o seu objetivo, embora seja preciso reiterar que só funcionam em colaboração com outros recursos humanos e materiais, como o planejamento e a atuação do docente, a participação e o engajamento dos discentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Shirlei Maria; COSTA, Gardilene Araújo Sousa. A construção de sentidos de charges sobre a covid-19 na etapa V da EJA. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, Salvador, v. 04, n. 08, p. 120-135, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rieja/article/view/15482/11050>. Acesso em: 21 jun. 2025.

ANDRADE, Cristina. Crescem as evidências de precarização do trabalho de motoristas e entregadores, **O Tempo**, 31 maio 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/especiais/rotas-da-mobilidade/precarizacao/crescem-as-evidencias-de-precarizacao-do-trabalho-de-motoristas-e-entregadores-1.2876491>. Acesso em: 25 jun. 2025.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. p.11-22.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, p. 27833, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 maio 2025.

BRASIL. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental (5^a a 8^a série). Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BRASIL. **Guia Digital do PNLD 2026 Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_eja_2026_2029_anos_iniciais_e_finais_do_ensino_fundamental_o_bjeto_01_Apresentacao.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

CABRAL, Sueli Maria; LEOBLEIN, Daniela Erhart; SANTOS, Luciano Dirceu. Permanência, abandono e retorno à EJA: estudo em um colégio social no Vale dos Sinos/RS. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 73-90, 2025. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/222691>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CASARA, Rubens. **Contra a miséria neoliberal**: racionalidade, imaginário, normatividade. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

CATELLI JR, Roberto. **Educação de Jovens e Adultos**: das concepções à sala de aula. São Paulo: Contexto, 2024.

COBUCCI, Paula; MACHADO, Veruska. **Educação linguística para jovens e adultos**. São Paulo: Contexto, 2023.

DI PIERRO, Maria Clara. Tradições e concepções de Educação de Jovens e Adultos. In: CATELLI JR, Roberto (org). **Formação e práticas na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017. p. 9-21.

FERREIRA, Daiane Ferreira; PEREIRA, Elaine Corrêa. Saber de experiência feito de estudantes da Educação de Jovens e Adultos: conhecer para valorizar. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.9, e12597, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/12597/11875>. Acesso em: 03 jun. 2025.

FILGUEIRAS, Vitor; ANTUNES, Ricardo. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 59-78.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber, v. 1. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira; FISCHER, Maria Clara Bueno. Escola, trabalho e gênero: uma experiência da Educação de Jovens e Adultos na rede pública de ensino de Porto Alegre. **Educar em revista**, Curitiba, v. 35, n. 75, p. 335-354, 2019.

LIMA, Jacob Carlos; OLIVEIRA, Roberto Veras de. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. **Contemporânea**, São Carlos, v. 11, n. 3, p. 905-932, set./dez. 2021.

LUPINETTI, Marina Sandron (Ed.). **Nova EJA Moderna**: leitura e escrita – segundo segmento – Etapas 7 e 8, v. II. São Paulo: Moderna, 2024.

MELLO, Paulo Eduardo Dias de. Políticas públicas para a produção de materiais didáticos para educação de jovens e adultos no Brasil entre 1995 e 2017: avanços, contradições e recuos. In: PAIVA, Jane (org). **Aprendizados ao longo da vida**: sujeitos, políticas e processos educativos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019. p. 78-96.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Pesquisa**: projeto, geração de dados, divulgação. São Paulo: Parábola Editorial, 2024.

PAZ, Juarez da Silva; RIBEIRO, Silvar Ferreira. Revisão Sistemática de Literatura acerca da produção do conhecimento na EJA. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e13415, 2024. Disponível

em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/13415/11913>. Acesso em: 20 jun. 2025.

STAFUZZA, Grenissa Bonvino; GOIS, Marcos Lúcio de Souza. Apontamentos sobre Análise do Discurso e suas práticas. In: GONÇALVES, Adair; GOIS, Marcos Lúcio de Souza (org.). **Trabalhando com Linguística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes, 2023. p. 361-400.

TANAJURA, Louise Conceição Pereira; CARVALHO, Milena Ramos Aires. **Vem pra EJA!** Educação de Jovens e Adultos – Práticas em Leitura e escrita 2º Segmento da EJA – etapas 7 e 8 dos Anos Finais do Ensino Fundamental – volume 2. São Paulo: Casa de letras, 2024.

Recebido em: 30/09/2025

Aceito em: 30/11/2025

Publicado online em: 08/12/2025